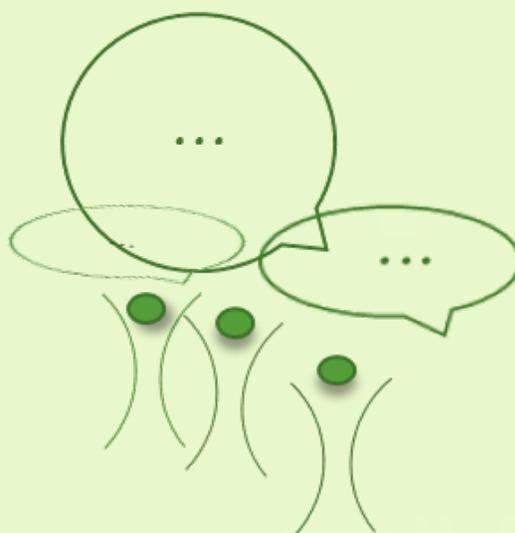


Relatório-Síntese

SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA DO SINTRAF-SERRINHA: OFERTA E DESENVOLVIMENTO DE ESTÁGIO



Biblioteca Raul V. Seixas – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA - Salvador/BA.

S586r Silva, Lucineide de Araujo.
Relatório síntese sistematização de experiência do SINTRAF – Serrinha : oferta e desenvolvimento de estágio / Lucineide de Araujo Silva. Salvador, 2022.
42 f. ; 30 cm.

Produto educacional (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alex de Cantuária Cypriano.

Coorientador: Prof. Dr. Heron Ferreira Souza.

1. Estágio. 2. Sistematização de experiência 3. Trabalho. 4. Formação sociopolítica. 5. Formação humana. I. Cypriano, Carlos Alex Cantuária. II. Souza, Heron Ferreira. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. IV. Título.

CDU 2 ed. 331.544

CONTEXTO DE PRODUÇÃO

O presente Produto Educacional é resultado da pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) – Campus Salvador, intitulada “O Estágio Supervisionado no contexto da Educação Profissional Tecnológica: a experiência do SINTRAF-Serrinha”, realizada no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Serrinha (SINTRAF-Serrinha) e se constitui como uma construção coletiva dos sujeitos representantes da organização Sindical.

A pesquisa teve como objetivo construir – a partir da interpretação crítica da experiência da organização social – os princípios e as diretrizes educativos e formativos para o desenvolvimento e a oferta do Estágio no SINTRAF-Serrinha, na área de Ciências Agrárias, com base nos fundamentos da Reprodução Ampliada da Vida no contexto do Campo.

Lucineide de Araujo Silva

Orientador:

Carlos Alex de Cantuária Cypriano

Co-orientador:

Heron Ferreira Souza



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1 SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA COM OFERTA E DESENVOLVIMENTO DE ESTÁGIO NO SINTRAF-SERRINHA: QUEM É O SINTRAF E QUAL A SUA RELAÇÃO COM A EPT?	5
1.1 PONTO DE PARTIDA DA SISTEMATIZAÇÃO	6

2 CATEGORIAS TEÓRICAS FUNDAMENTAIS DA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA	8
2.1 CONCEITO DE TRABALHO	8
2.2 CONCEITO DE REPRODUÇÃO AMPLIADA DA VIDA	8
2.3 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DO/NO CAMPO	9

3 POR QUE A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA	10
3.1 PASSOS DA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA	10
3.2 O CAMINHO TRILHADO NA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA	12

4 O PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA: O EXEMPLO DO ESTUDO DE CASO DO ESTÁGIO OFERTADO PELO SINTRAF-SERRINHA	15
4.1 A PROPOSTA	15
4.2 AS QUESTÕES QUE NORTEARAM O PROCESSO	16
4.3 A PRÁTICA EDUCATIVA E FORMATIVA DO ESTÁGIO NO SINTRAF-SERRINHA	17
4.4 APRENDIZAGEM DE UMA CAMINHADA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS QUE CONSTITUEM A BASE DO PRODUTO DA SISTEMATIZAÇÃO	18

PRINCÍPIOS E DIRETRIZES DO ESTÁGIO NA ÁREA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS NO SINTRAF-SERRINHA	28
PRINCÍPIO DA VIDA	32
PRINCÍPIO EDUCATIVO DO TRABALHO	33
PRINCÍPIO DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	34
PRINCÍPIO DA DIALOGICIDADE	37

REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

Este relatório-síntese apresenta o processo de Sistematização de Experiência com oferta e desenvolvimento de Estágio na Área de Ciências Agrárias do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Serrinha (SINTRAF-Serrinha), incluindo, na íntegra, o produto do processo de sistematização que se configura nos princípios e nas diretrizes que orientam a atividade de estágio desenvolvida no SINTRAF-Serrinha.

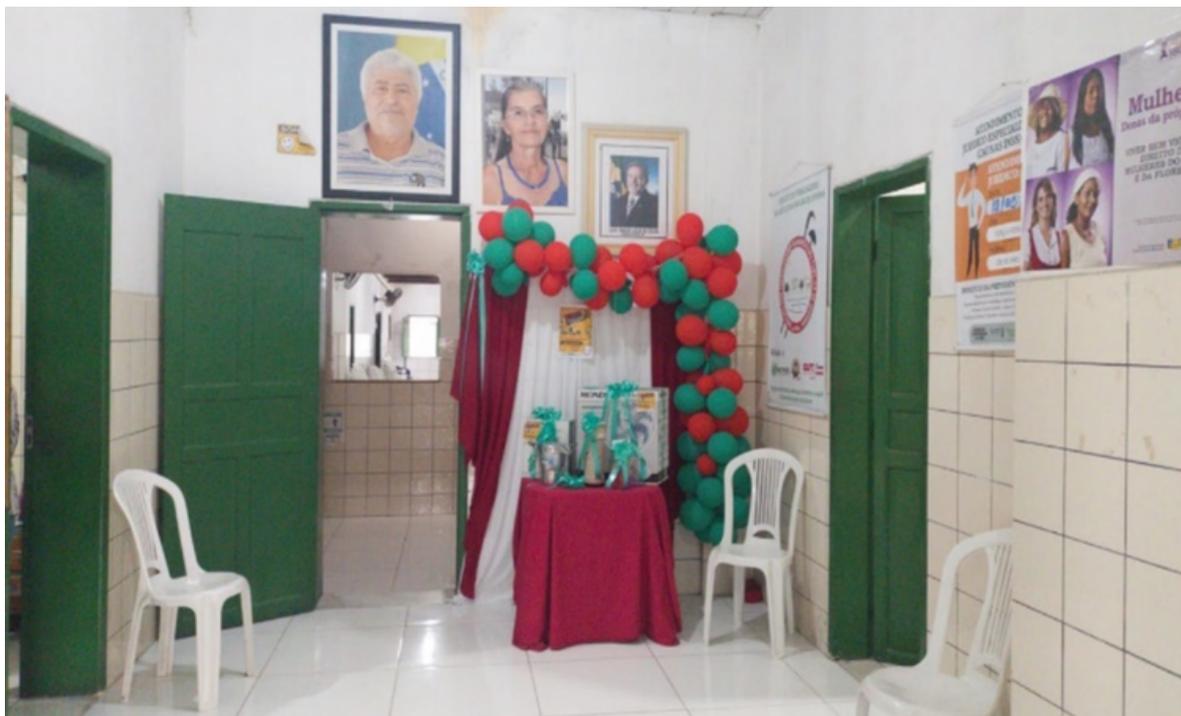
O processo de sistematização foi uma estratégia de pesquisa que possibilitou aos envolvidos tanto pensar sobre o processo vivido quanto (re)significar os processos pedagógicos e o tempo-espaço formativo por meio de um processo participativo e dialógico, permitindo a construção de uma síntese das conexões necessárias para desenvolver uma práxis educativa comprometida com a reprodução ampliada da vida no campo.

Em uma dimensão mais ampla, o processo de sistematização possibilitou dialogar acerca de um projeto formativo que integra trabalho e educação, atribuindo sentidos aos eixos: desenvolvimento do campo, formação do trabalhador e luta social.

Este produto educacional traz contribuições teórico-metodológicas que permitem compreender as estratégias educativas e formativas do estágio no SINTRAF-Serrinha e, ao apresentar o processo de sistematização de experiência e as concepções e os princípios dessa caminhada, fornece subsídios para a compreensão de uma formação para o trabalho e pelo trabalho no contexto do campo, pautada em processos pedagógicos dialógicos que articulam diversos saberes.

É um instrumento direcionado não apenas para o SINTRAF-Serrinha, mas para todas as Instituições de Educação que buscam conhecer e estabelecer um diálogo com o espaço onde seus estudantes realizam estágio e/ou instituições que tenham interesse em desenvolver processos pedagógicos dialógicos. Para aquelas instituições que já desenvolvem processos pedagógicos nessa perspectiva, pode servir de inspiração e até possibilitar a aproximação e o estabelecimento de parcerias com esses espaços.

1 SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA COM OFERTA E DESENVOLVIMENTO DE ESTÁGIO NO SINTRAF-SERRINHA: QUEM É O SINTRAF E QUAL A SUA RELAÇÃO COM EPT?



Área interna da sede do SINTRAF-Serrinha

Para apresentar o processo de sistematização e explicitar as referências firmadas ao longo dessa caminhada, iniciaremos falando da trajetória do SINTRAF-Serrinha em relação ao vínculo com a Educação Profissional Tecnológica (EPT), contextualizada a partir dos desafios da formação dos trabalhadores do Campo.

O SINTRAF-Serrinha é uma Organização Sindical, filiada à Central Única dos Trabalhadores (CUT), criada em 07 de janeiro de 1968. É uma organização com expressividade no Território do Sisal por apresentar uma história de lutas e conquistas relacionadas ao fortalecimento da Agricultura Familiar, da Educação do Campo, da EPT e do protagonismo Feminino e Juvenil.

É uma instituição parceira da EPT no município de Serrinha, através da articulação do Departamento da Educação do Campo (DEC) com as Instituições de Ensino locais e do próprio Território do Sisal, colabora com a EPT por meio da oferta de Estágios Supervisionados na área de Ciências Agrárias.

Ao buscar ampliar e fortalecer os espaços formativos para os trabalhadores e as trabalhadoras do Campo, em 2004, o SINTRAF-Serrinha começou a articular a criação do DEC e passou a receber estudantes de diversas Instituições de Educação Profissional Tecnológica Federal ou Universidades localizadas no Território.

Aproximadamente dez anos depois, com a expansão da Educação Profissional Tecnológica de Nível Médio (EPTNM) na rede Estadual da Bahia e a chegada do Instituto Federal Baiano (IF Baiano) no Município de Serrinha, a organização tem se mobilizado e articulado com as instituições representantes da EPT em prol da criação, da reintegração e do fortalecimento dos Cursos Técnicos na Área de Ciências Agrárias no Município, bem como tem mobilizado as famílias de agricultores familiares, objetivando que os filhos dos agricultores busquem conhecer os cursos, desenvolvam a consciência crítica e o interesse acerca dessa formação direcionada para o campo.

Diante disso, a organização assume o compromisso de contribuir com o processo formativo desses cursos, estabelecendo parcerias, principalmente com a oferta de estágio na área de Ciências Agrárias.

Assim, sob a supervisão do Técnico da Assistência Técnica de Extensão Rural (ATER) do Sindicato e da articulação do DEC, o SINTRAF-Serrinha vem ofertando e desenvolvendo a atividade de estágio supervisionado com base, principalmente, na construção de uma relação dialógica dos estagiários com os agricultores familiares, no envolvimento com ações e atividades produtivas desenvolvidas por esses agricultores e na interação com o próprio movimento sindical, empreendimentos solidários, associações rurais e outros movimentos sociais.

1.1 PONTO DE PARTIDA DA SISTEMATIZAÇÃO

Para falar de educação no contexto do campo, é necessário compreender o campo como “espaço de vida e resistência”, princípio básico que define a questão central que gerou e motivou a necessidade de realizar a sistematização dessa experiência: até que ponto os sujeitos do SINTRAF-Serrinha envolvidos com a oferta e o desenvolvimento de estágio na organização tem interpretado criticamente sobre como essa prática tem contribuído ou poderá contribuir com uma formação profissional pautada nos pressupostos da Reprodução Ampliada da Vida no contexto do campo?

Diante disso, justifica-se o “conjunto de elementos teórico e prático que se ‘intercruzam’” (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 17) nesse processo de sistematização de experiência. O proces-

so de sistematização foi realizado por meio de análise documental e de rodas de conversas com os representantes do SINTRAF-Serrinha envolvidos direta ou indiretamente com a oferta e o desenvolvimento de estágio, objetivando construir subsídios para a formulação dos princípios e das diretrizes educativos e formativos para o estágio supervisionado no SINTRAF-Serrinha.

Os resultados das rodas de conversa foram sistematizados pela mestranda responsável pela pesquisa que organizou, analisou e interpretou os dados para construir a síntese dos princípios e das diretrizes evidenciados pelo grupo. Essa síntese foi discutida e avaliada com os participantes da pesquisa dando origem ao produto final de sistematização.

Ao propor os princípios e as diretrizes do estágio na organização, o SINTRAF reitera um dos pilares da Educação do Campo: a compreensão de que o sujeito do campo tem direito a uma formação não apenas pensada a partir do seu lugar, mas com a sua participação, associada às suas necessidades humanas e sociais (CALDART, 2011).

E nesse sentido, podemos afirmar que o documento “Sistematização de experiência do SINTRAF-Serrinha: oferta e desenvolvimento de estágio”, por ser o produto final da sistematização e contemplar o relato coletivo da experiência, das reflexões e das discussões que envolvem atores do movimento social sindical comprometidos com a EPT, pode se constituir em marco histórico e político-pedagógico para o estágio no SINTRAF-Serrinha.

Neste documento, primeiro descrevemos o percurso da sistematização de experiência, enunciando os resultados alcançados ao longo do processo de sistematização, seguido da apresentação na íntegra dos princípios e das diretrizes que vão alimentar e retroalimentar a prática de estágio.

É importante salientar que a inserção do processo de sistematização neste relatório final deve-se à intenção de que o percurso desse processo, percorrido coletivamente com os sujeitos do SINTRAF-Serrinha, possa servir como base metodológica para outros processos ou vivências avaliativos e de planejamento na organização.

2 CATEGORIAS TEÓRICAS FUNDAMENTAIS DA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Nesta secção, apresentamos as três categorias teóricas fundamentais que orientam a ação e a reflexão intrínseca nesse processo de construção do conhecimento, desde a formulação do problema até a elaboração do produto da sistematização: trabalho; reprodução ampliada da vida; e educação profissional e tecnológica do/no campo

2.1 CONCEITO DE TRABALHO

A concepção de trabalho é apresentada, segundo a acepção marxista, como uma atividade especificamente humana. É a forma pela qual o homem age sobre a natureza, transformando e criando os meios para garantir a sua sobrevivência (MARX, 1996).

E ainda, conforme esclarece Lukács (2013) à luz das formulações de Marx e Engels, o trabalho, na sua essência ontológica, produz o ser social:

“Somente o trabalho tem, com sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria-prima, objeto do trabalho, etc.), como orgânica, inter-relação que pode figurar em pontos determinados da cadeia a que nos referimos, mas antes de tudo assinala a transição, do homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social” (LUKÁCS, 2013, p. 35).

Com isso, podemos afirmar que o ser humano é essencialmente produto do trabalho, meio pelo qual transforma e modifica a sua própria natureza, humanizando-se e recriando-se.

2.2 CONCEITO DE REPRODUÇÃO AMPLIADA DA VIDA

O conceito de reprodução ampliada da vida encontra-se ainda em construção, mas sendo formulado a partir das práticas sociais dos sujeitos coletivos que expressam princípios ético-políticos que se constituem em:

- Espaços/tempos revolucionários;
- Bases materiais e simbólicas fundamentadas no respeito à natureza e ao ser humano;
- Trabalho associado;
- Autogestão do trabalho e da vida social;
- Cultura camponesa construída com base no trabalho coletivo, no núcleo familiar, nos laços

de solidariedade e em princípios agroecológicos (TIRIBA; BUTSHKAU; COELHO, 2017; TIRIBA, 2018).

Diz respeito a uma base cultural, política e produtiva que caminha na direção contrária aos fundamentos do modo de vida capitalista, ou seja, trata-se de um conjunto articulado de estratégias que caminham na perspectiva da Formação Humana. Em suma,

“criar parâmetros da Reprodução Ampliada da Vida e [não do capital] requer apreender a materialidade histórica de processos de produção da existência humana que vão além da reprodução simples da vida e não se restringem a tornar um ser humano um cidadão-produtivo-consumidor” (TIRIBA; BUTSHKAU; COELHO, 2017, p. 1369).

2.3 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DO/NO CAMPO

A partir da dimensão constitutiva da Educação do Campo, que associa trabalho e educação numa perspectiva formativa que se constitui no âmbito das relações sociais, Caldart (2010) formula a concepção da Educação Profissional do/no Campo. Nas palavras da autora,

“trata-se de pensar uma Educação Profissional que seja parte da formação específica para o trabalho no/do campo desde uma lógica de desenvolvimento cuja centralidade está no trabalho (todos devem trabalhar), na apropriação dos meios de produção pelos próprios trabalhadores e na terra como meio de produzir vida e identidade (e não como negócio)” (CALDART, 2010, p. 237).

A EPT do campo inclui:

“a preparação para diferentes profissões que são necessárias ao desenvolvimento do território cuja base de desenvolvimento está na agricultura: agroindústria, gestão [...], mas sem desconsiderar que a produção agrícola é a base da reprodução da vida e, por isso, deve ter centralidade na formação para o trabalho do campo” (CALDART, 2010, p. 230).

A ideia central é a formação do trabalhador e da trabalhadora do campo, tendo como referência os princípios éticos, políticos e sociais que preservem a identidade camponesa e orientam a emancipação do sujeito ao colocar a agricultura como a “base da reprodução da vida” no campo.

3 POR QUE A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Tendo em vista que os sujeitos da pesquisa estão inseridos em processos organizativos populares e que no percurso investigativo a ideia é refletir coletivamente a partir de diversos olhares sobre a própria prática, entendemos que a sistematização de experiência é o melhor caminho.

E ainda, ao buscar problematizar a prática educativa e formativa do estágio na organização e propor princípios e diretrizes que direcionem os processos educativos, a Sistematização de Experiência se configura numa estratégia metodológica que possibilita não apenas compreender a experiência, mas situar o sentido que orienta o fazer no contexto social em que se insere, apresentando-se como horizonte para se pensar, também, outras práticas.

A Sistematização de Experiência é uma ferramenta de aprendizagem que envolve o compartilhamento de saberes, tem base no pensar coletivo, a partir de um processo dialógico que envolve colaboração, reflexão e integração de todos os participantes, ou seja, um “quefazer” participativo e transformador.

“O processo de sistematização permite pensar no que se faz, seu produto ajuda a fazer as coisas pensadas” (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 31).

3.1 PASSOS DA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Passos da sistematização de experiência apresentada pelo Educador Popular e Sociólogo Oscar Jara Holliday (2006):

1. PONTO DE PARTIDA

PARTIR DA PRÓPRIA PRÁTICA

- Ter participado da experiência
- Ter o registro das experiências

2. PERGUNTAS INICIAIS

PROBLEMATIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA EXPERIÊNCIA A SER SISTEMATIZADA

- Para que queremos sistematizar?
- Que experiência queremos sistematizar?
- Quais aspectos centrais nos interessa sistematizar?

PLANEJAMENTO

3. RECUPERAÇÃO DO PROCESSO VIVIDO

ORDENAR E ARTICULAR OS DIFERENTES ELEMENTOS DA EXPERIÊNCIA

- Reconstruir a história
- Ordenar e classificar a informação

REALIZAÇÃO

4. REFLEXÃO DE FUNDO

INTERPRETAÇÃO CRÍTICA DO PROCESSO VIVIDO

- Análise, síntese e recuperação crítica do processo vivido

5. PONTOS DE CHEGADA

DIMENSÃO COMUNICATIVA DA SISTEMATIZAÇÃO

- Formular Conclusões
- Comunicar a Aprendizagem

**RESSIGNIFICAÇÃO
E
SOCIALIZAÇÃO**

3.2 O CAMINHO TRILHADO NA SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Passos da sistematização de experiência do SINTRAF-Serrinha desenvolvida com base na proposta metodológica apresentada por Jara Hollyday (2006).

1. PONTO DE PARTIDA

CONVERSA COM OS REPRESENTANTES DO SINTRAF-SERRINHA

Definição da proposta educativa e formativa do estágio supervisionado na área de Ciências Agrárias do SINTRAF-Serrinha como objeto de sistematização.

RESULTADO: Proposta da sistematização.

2. PERGUNTAS INICIAIS

QUESTÕES NORTEADORAS E ENCONTRO COM OS PARTICIPANTES

As questões são ferramentas que possibilitam a problematização da experiência, permitindo delimitar o caminho e definir o sentido, o produto e os resultados esperados do processo de sistematização. Diante das respostas às questões iniciais e das perguntas interpretativas, elaboradas previamente, compartilhamos, convidamos e pactuamos com os participantes.

RESULTADO: Plano de sistematização.

3. RECUPERAÇÃO DO PROCESSO VIVIDO

A PRÁTICA EDUCATIVA E FORMATIVA

Os trabalhos desenvolvidos nessa etapa foram organizados em dois níveis. Primeiro, foram analisados os relatórios de conclusão de estágio. Essas informações permitiram identificar as principais atividades desenvolvidas em cada período de oferta e desenvolvimento de estágio. No segundo nível, os representantes do SINTRAF-Serrinha envolvidos direta ou indiretamente com a atividade de estágio participaram de uma roda de conversa, na qual fizeram um resgate da participação do SINTRAF na luta pela EPT, da coparticipação do SINTRAF como espaço formativo da EPT por meio do estágio na área de Ciências Agrárias, e da dimensão organizativa e formativa da atividade de estágio, apontando limites e desafios.

RESULTADO: Quadro-síntese dos principais aspectos da prática educativa e formativa.

4. REFLEXÃO DE FUNDO

INTERPRETAÇÃO CRÍTICA DO PROCESSO VIVIDO

Guiado por um roteiro de perguntas interpretativas, os participantes dialogaram, através de rodas de conversa, sobre as experiências vivenciadas, refletindo criticamente acerca da dimensão educativa, formativa e organizativa da atividade de estágio na perspectiva da EPT do/no Campo e da Reprodução Ampliada da Vida no Campo, dando ênfase aos sentidos atribuídos ao contexto da Agricultura Familiar: formas de organização, relação com a Terra, Trabalho, Agroecologia e Políticas Públicas.

RESULTADO: Aprendizagem de uma caminhada.

5. PONTOS DE CHEGADA

PRODUTO DA SISTEMATIZAÇÃO – PRINCÍPIOS E DIRETRIZES

A partir da análise e interpretação da experiência, que possibilita compreender em que medida as atividades formativas da prática de estágio têm possibilitado uma compreensão crítica sobre o campo e viver no campo, os princípios educativos e formativos implícitos ou explícito pelos sujeitos como fundamentais ao contexto da práxis produtiva e política do campo e de um “contexto teórico” que permite explicitar os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos representantes do SINTRAF-Serrinha, constrói-se o PRODUTO FINAL:

**PRINCÍPIOS E DIRETRIZES DO ESTÁGIO NA ÁREA DE CIÊNCIAS
AGRÁRIAS NO SINTRAF-SERRINHA.**

4 O PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA: O EXEMPLO DO ESTUDO DE CASO DO ESTÁGIO OFERTADO PELO SINTRAF-SERRINHA

Nesta secção, apresentamos os resultados do processo de sistematização ao comunicar as ações e reflexões que orientaram cada etapa, construindo uma síntese dos resultados e das aprendizagens.

4.1 A PROPOSTA

ELABORADO POR: LUCINEIDE DE ARAUJO SILVA

MESTRANDA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT)

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – CAMPUS SALVADOR

ORIENTAÇÃO: CARLOS ALEX DE CANTUÁRIA CYPRIANO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – CAMPUS SALVADOR

COORDENADOR: HERON FERREIRA SOUZA

INSTITUTO FEDERAL BAIANO – CAMPUS CATU

Quem Sistematiza (Participantes)	Os representantes sindicais envolvidos com a oferta e o desenvolvimento de estágio e o supervisor de estágio, técnico da ATER do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Serrinha – SINTRAF-Serrinha, sob a mediação da proponente do processo de sistematização.
Mediadora do processo	Mestranda Lucineide de Araujo Silva.
Objetivo de Sistematização	Construir– a partir da interpretação crítica da experiência da organização social – os princípios e as diretrizes educativos e formativos para o desenvolvimento e a oferta do estágio no SINTRAF-Serrinha, na área de Ciências Agrárias, com base nos fundamentos da reprodução ampliada da vida no contexto do campo.
Objeto de Sistematização	A proposta formativa pensada para o estágio supervisionado na área de Ciências Agrárias pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Serrinha (SINTRAF-Serrinha).
Eixo de Sistematização	O processo formativo e os princípios norteadores da prática de estágio supervisionado na perspectiva dos fundamentos da reprodução ampliada da vida no campo.
Fonte de informação	Análise documental e roda de conversa.

4.2 AS QUESTÕES QUE NORTEARAM O PROCESSO

Como o SINTRAF, enquanto movimento social do campo, tem organizado/concebido os espaços formativos do trabalhador e quais as implicações para o processo educativo do estágio supervisionado?

Quais as potencialidades educativas do estágio no SINTRAF-Serrinha?

Como a agricultura familiar e/ou ATER tem contribuído no processo de formação dos estagiários?

Quais princípios orientam as relações com atores sociais envolvidos (dialogicidade, autonomia, horizontalidade, etc.)?

Em que medida as ações educativas desenvolvidas no estágio têm possibilitado uma compreensão crítica sobre o campo e o viver no campo?

Em que medida as ações educativas desenvolvidas no âmbito da prática profissional supervisionada favorecem o desenvolvimento e a articulação dos diferentes saberes?

Como a instituição sindical tem percebido ou vivenciado o caráter educativo da agroecologia e da relação produtiva com a terra no semiárido (participação, autonomia, diálogo, cooperação, solidariedade, transformação, conhecimento – interdisciplinar/holístico, sistêmico, contextualizado, subjetivo, pluralista – etc.)?

As ações são realizadas de forma interdisciplinar e contemplam a indissociabilidade teórica e prática? Como?

Como o grupo registra e organiza as ações construídas e os resultados obtidos?

Que princípios educativos do trabalho têm sido fomentados na prática do estágio (indissociabilidade entre trabalho manual e intelectual, autonomia, autogestão, cooperação, coprodução, reciprocidade, solidariedade, trabalho familiar, etc.)?

Quais as aprendizagens consideradas fundamentais?

Quais aspectos podemos potencializar? Por quê?

O que podemos fazer de diferente? Como?

4.3 A PRÁTICA EDUCATIVA E FORMATIVA DE ESTÁGIO NO SINTRAF-SERRINHA

O quadro-síntese a seguir, apresenta o resultado da etapa de Recuperação do processo vivido. Traz os principais aspectos relacionados à experiência com a oferta e o desenvolvimento de estágio no SINTRAF-Serrinha identificados na análise dos relatórios de conclusão de estágio e/ou discutidos na primeira roda de conversa realizada com o objetivo de articular coletivamente informações que permitam descrever o processo educativo e formativo de estágio na organização ao buscar identificar ações, resultados e direcionamentos.

Quadro-Síntese: Principais aspectos da prática educativa e formativa do estágio no SINTRAF-Serrinha

ASPECTOS	AÇÕES	RESULTADOS OU DIRECIONAMENTOS QUE SERÃO APROFUNDADOS NA ETAPA SEGUINTE
Mobilização	<p>Luta pelo fortalecimento da Educação do Campo e pelos direitos e garantias da população do campo;</p> <p>Articulação com instituições locais e territoriais para viabilização da EPT com foco nos cursos da área de Ciências Agrárias;</p> <p>Aproximação e diálogo com a população, especialmente os agricultores familiares, acerca da inserção nos cursos técnicos da Área de Ciências Agrárias.</p>	<p>Reabertura e permanência da oferta dos cursos técnicos da área de Ciências Agrárias;</p> <p>A organização sindical se torna espaço formativo da EPT;</p> <p>Atender às demandas formativa e educativa da população do campo, sobretudo as dos filhos e das filhas dos agricultores familiares.</p>
Organização dos Espaços Educativos	<p>Apresentação do espaço e do contexto sindical aos estagiários;</p> <p>Rodas de conversa e reuniões com os estagiários na sede e nas bases sindicais localizadas nas comunidades rurais sobre diversas temáticas do contexto do campo;</p> <p>Assistência continuada aos agricultores familiares por meio da ATER, possibilitando que os estagiários acompanhem as práticas desenvolvidas nas propriedades;</p> <p>Visita às cooperativas de produção, especialmente à cooperativa de produção de polpa de frutas;</p> <p>Construção de maquetes para representar espaços ou tecnologias sociais utilizadas nas propriedades;</p> <p>Organização e participação nas Feiras da Agricultura familiar/Feira Solidária;</p> <p>Participação em seminários e palestras;</p> <p>Avaliação diagnóstica e processual.</p>	<p>Articulação teórica e prática;</p> <p>Interdisciplinaridade;</p> <p>Troca de experiências;</p> <p>Articulação de diferentes saberes;</p> <p>Formação crítica;</p> <p>Formação no trabalho;</p> <p>Proposta pedagógica com base na formação técnica, política e social;</p> <p>Contexto social dos agricultores.</p>
Dificuldades e desafios	<p>Alguns estudantes-estagiários apresentam dificuldades com deslocamento;</p> <p>Elaborar um documento norteador;</p> <p>Consolidar/criar instrumentos pedagógicos de devolutiva dos estudantes;</p> <p>Falta um profissional da área de educação para contribuir com a organização do espaço formativo.</p>	<p>Dificuldade financeira dos estudantes para arcar com as despesas relacionadas com transporte;</p> <p>Construir parâmetros que orientem o processo educativo e formativo oferecido pela organização;</p> <p>Conscientização dos estagiários a respeito da importância de retornar e manter contato com a organização;</p> <p>Colaboração de um profissional da educação no Departamento da Educação do Campo para orientar a organização dos processos pedagógicos.</p>

4.4 APRENDIZAGEM DE UMA CAMINHADA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS QUE CONSTITUEM A BASE DO PRODUTO DE SISTEMATIZAÇÃO¹

Ao refletir sobre a experiência da oferta e do desenvolvimento de estágio, levando em consideração que se trata de uma prática educativa situada no contexto da agricultura familiar, necessariamente, é preciso problematizar a realidade de modo que seja possível vislumbrar um percurso educativo dialógico e transformador, que possibilite compreender os fundamentos da práxis produtiva e política do campo.

Para isso, buscamos aprofundar o debate sobre as questões do campo, em especial as questões que envolvem a agricultura familiar e (re)significar a proposta educativa objetivando fomentar a atuação política, a autonomia e a construção do conhecimento a partir das diferentes formas de organização produtiva, que visa garantir a sustentabilidade dos núcleos produtivos e integrar as diferentes realidades dos agricultores familiares.

Em conformidade com o que assinala Santos, Mutim e Souza (2021), ao analisar os fundamentos da EPT do campo e a sua relação com a dimensão territorial a partir de uma perspectiva emancipatória para os sujeitos do campo, o propósito é formar trabalhadores capazes de refletir criticamente e agir, através do trabalho social e da práxis produtiva, para transformar a realidade sociopolítica em que estão inseridos.

A análise do contexto e das atividades formativas do estágio a partir da interpretação coletiva dos sujeitos da organização mostrou que as ações educativas do SINTRAF-Serrinha se baseiam na unidade entre teoria e prática e no reconhecimento dos diversos saberes ao promover ambientes pedagógicos de socialização dos conhecimentos e troca de experiências. Envolve um conjunto de atividades que se desenvolve em meio ao ciclo de produção, organização e comercialização dos agricultores familiares, apresentando uma preocupação com a construção do conhecimento agroecológico e com a participação política dos sujeitos do campo.

Um dos destaques das reflexões foi sobre a necessidade de elaboração teórico-prática do desenho pedagógico para orientar o processo de construção do conhecimento a partir de uma perspectiva formativa direcionada para a formação emancipatória do sujeito do campo.

Além disso, o processo de reflexão em torno da experiência vivida evidenciou a necessidade de formação sociopolítica continuada para todos os integrantes da organização, principalmente no campo de gestão das políticas públicas e do cooperativismo, bem como evidenciou a falta de políticas públicas e incentivos para a permanência do jovem no campo.

¹Esse texto constitui parte do capítulo cinco da dissertação, intitulada “O Estágio Supervisionado no contexto da Educação Profissional Tecnológica: a experiência do SINTRAF-Serrinha”.

Para ilustrar o “quefazer” educativo e formativo da organização, apresentamos a Figura abaixo, na qual contextualizamos os principais direcionamentos através das falas dos participantes das rodas de conversa ou dos relatos dos estagiários retirados dos relatórios de conclusão de estágio no SINTRAF-Serrinha.

Figura - “Quefazer” educativo e formativo do SINTRAF-Serrinha

PASSO 4: A reflexão de fundo



Fonte: elaborado a partir das conclusões da aprendizagem do processo de sistematização, 2021.

Formação vinculada efetivamente ao trabalho

O primeiro passo para uma formação vinculada ao trabalho é compreendermos que é por meio do trabalho que construímos a nossa existência, as relações sociais e a nossa consciência pessoal e coletiva. Sendo o trabalho a base da matriz formativa, é preciso buscar superar o trabalho alienado e compreender a realidade a partir de suas contradições e possibilidades. Portanto, no contexto do SINTRAF, o propósito é promover a compreensão da agricultura familiar enquanto categoria política e social, buscando fomentar o interesse pelo trabalho nos núcleos familiares.

PASSO 4: A reflexão de fundo

“Trabalham trezentos e algumas dúzias de famílias que [nome mencionado foi ocultado] acompanha, aí trezentos e alguma coisa já [...]. São famílias que tiveram o acompanhamento do técnico com sua grande maioria, com grupos de estagiários que vão lá, que põe a mão na massa, que faz junto, que faz esse debate da importância da família na propriedade. E de ser um núcleo produtivo, tem esse debate, todo mundo realiza mesmo junto, não vou dizer que cem por cento”.

Trecho da fala de um participante na segunda roda de conversa ao refletir sobre a atividade de estágio desenvolvida a partir do trabalho da agricultura familiar e da ATER, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal.

“A partir do momento que você, que nós estamos transmitindo, nós estamos trocando, nós estamos ensinando, é ... é ... uma escola também, porque a Educação ao nosso modo, ao nosso modo, é essa troca como Paulo Freire traz, a gente bebe nessa, nessa questão e muito mais, pra gente é rico por se dar de forma [...]. Essa alternância, a gente acaba alternando educação tradicional com educação do trabalho. Um pouco dos princípios de Educação de Paulo Freire, o que ele traz no dia a dia a gente acaba aplicando. Não, não basta você ter a escola convencional, se você não tem, não é, as relações de trabalho como um banco de aprendizagem”.

Trecho da fala de um participante na segunda roda de conversa ao refletir sobre a relação trabalho e educação. 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

Articulação dos diferentes conhecimentos a partir da relação entre teoria e prática

Os representantes do SINTRAF reconhecem a importância de promover a integração entre os diversos tipos de conhecimento. Essa integração deve ser orientada pela articulação entre teoria e prática e convergir no sentido de construir novos saberes e novas propostas científicas e tecnológicas que corroborem para o desenvolvimento local a partir da uma compreensão crítica da prática produtiva.

"Alguns [estagiários] participam inclusive das feiras que a gente sempre fazia, tem muitos deles que, graças a Deus, ajudou muito a gente na organização. E que vamos voltar no próximo ano, umas turmas boas que entregam de corpo e alma no processo, de trabalhar a prática, mas também a teoria. Existe os minicursos nas feiras, a gente não só vende o produto, a gente expõe o produto, realiza a comercialização e junto com aquele processo ali acontece as oficinas de debate, de discussão teórica. Então, é baseado na teoria com a prática, né? Por exemplo, o grupo, o curso, é a oficina de fabricação orgânica, a forrageira nossa vai pra feira, os estagiários vão junto, o técnico vai fazer palestra da importância da, de quais, por exemplo, quais são o teor [se refere ao teor de proteínas]".

Trecho da fala de um participante na segunda roda de conversa ao refletir sobre a relação indissociabilidade teórica e prática e interdisciplinaridade, 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

"Foi construída uma horta dividida em várias etapas [...]. Depois da experiência de construir essa horta, aprendendo e observando cada detalhe a ser feito, fomos para uma escola pública, na localidade de Tabuleiro de Bela Vista-Ba, para construir uma em prol da comunidade, beneficiando os alunos daquela escola e melhorando a merenda escolar com as hortaliças cultivadas e dando continuidade por eles, cuidando dela e assim por diante".

Trecho retirado do relatório de conclusão de estágio no SINTRAF de um estudante do curso de Agroecologia, 2018. Fonte: Arquivo do CETEP Sisal.

Construção coletiva

Ações coletivas como seminários, rodas de conversas, visitas, organização e participação nas feiras da agricultura familiar representam momentos importantes que possibilitam a aproximação dos atores sociais, o incentivo às relações de cooperação e à solidariedade e o desenvolvimento de uma análise da realidade local e do próprio território a partir de diferentes olhares. Em síntese, são ações que podem fortalecer o diálogo tanto no interior do movimento, como também com outros sujeitos e/ou outras redes colaborativas.

“Particpei da organização da feira da agricultura, onde foi feito o ambiente de representação da agricultura familiar e do bioma da caatinga, também da armação de toldos, barracas e aviário móvel. [...] Particpei da realização da feira da agricultura onde se encontrou vários agricultores de alguns municípios da região sisaleira, com comercialização de produtos orgânicos/natural e também a comercialização de aves caipira, houve também várias oficinas de formulação de ração e enxertia, etc.”.

Trecho retirado do relatório de conclusão de estágio no SINTRAF de um estudante do curso de Agroecologia, 2018. Fonte: Arquivo do CETEP Sisal.

“[...] e ele [estagiário] era meio perdido em relação à área, só que a partir do momento que ele começou a ver, começou a acompanhar, começou a desenvolver, ter aquela amizade com os agricultores, ele começou a ter amor. [...] Então, aquele amor que ele pegou à profissão, ao trabalho, aquilo ali é muito gratificante, entendeu?”

Trecho da fala de um participante na terceira roda de conversa ao refletir sobre a importância da convivência com os agricultores, 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

Processo dialógico

O grupo reconhece que o processo formativo deve ser desenvolvido a partir do diálogo de saberes entre os atores envolvidos no processo. Ao promover encontros entre os sujeitos sociais e desenvolver estratégias e ações que comportam o envolvimento e a construção de relações horizontais entre os grupos, possibilita a articulação dos diferentes saberes e a troca de conhecimento.

"Então assim, o estágio em si ele é uma troca de conhecimento, até o momento a gente não teve nenhum problema ainda, com fé em Deus não vai ter de agricultor com estagiário, porque é um conjunto de verdade. A gente troca experiência tanto do que ele sabe, ele repassa o que ele sabe pro estagiário e a gente passa do que a gente tem o conhecimento de estudo pra eles, então, é uma troca de experiência".

Trecho da fala de um participante na segunda roda de conversa ao refletir sobre a relação dos estagiários com os agricultores, 2021; Fonte: Arquivo Pessoal.

"[...] eu tento trazer uma metodologia de cultura diferente, na questão de plantação, manuseio da terra e da produção, mas até minha própria mãe ainda tem aquele pensamento meio fechado de não saber reaproveitar aquilo que a terra produz de bom. Isso, acaba muitas vezes, é, a gente pra poder desconstruir isso do agricultor, tem que ser na base do bate papo mesmo, não ir direto há você tá errado, não sei o que, impor. Tem que aos poucos mostrando, dando um, é, tem que mostrar com a prática, também, mesmo, eu vejo, eu creio muito na questão da construção, através, por exemplo, de exemplos práticos, porque quando a agricultor vê que ali tem um outro agricultor dando certo, naquela questão de práticas agroecológicas, tenho certeza que desperta o interesse dele na mudança, ele fala, olha parece que tem razão".

Trecho da fala de um participante da terceira roda de conversa ao refletir sobre as práticas dos agricultores, 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

ATER com centralidade nas questões agroecológicas

O assessoramento técnico contínuo junto aos agricultores familiares é a atividade central do percurso formativo de estágio. A organização, ao buscar promover uma política de assessoramento com base no diálogo de saberes e na valorização da agrobiodiversidade, contribui para o fortalecimento das questões agroecológicas no território e para uma formação pautada na construção do conhecimento agroecológico.

Isso acontece ao incentivar o cultivo e a criação de animais de acordo com a diversidade dos sistemas locais; a produção de alimentos agroecológicos; promoção de plantas medicinais; a articulação de diferentes espaços de comercialização; o desenvolvimento ou o acesso a políticas públicas voltadas para tecnologia social de aproveitamento da água, bem como reaproveitamento das matérias orgânicas, como, por exemplo, a aquisição da máquina ensiladeira, buscando garantir a alimentação dos animais durante os longos períodos de estiagem no território, entre outras ações.

PASSO 4: A reflexão de fundo

“[...] tem muitos estudantes, tem muitos dos casos que ele veio no curso, que eles achavam que, é, que agroecologia é só tratar de reflorestamento, só tratar de questões hídricas, mas eles não viram a questão da alimentação, a questão da convivência com o meio ambiente, da convivência com o outro, com os animais, eles não viam isso, como, dentro do curso, como tratar. Quando eles vieram pra prática, eles aprenderam que agroecologia ultrapassa a questão ambiental, florestal, a questão de você conhecer os biomas, saber de que bioma você tá, de como viver no bioma”.

Trecho da fala de um participante na primeira roda de conversa ao refletir sobre a dimensão educativa da agroecologia, 2021. Fonte: Arquivo pessoal

“O reaproveitamento das matérias orgânicas, é, foi um fator muito amplo que a gente teve aqui, porque quando a gente ganhou essa máquina, pra fazer esse trabalho de reaproveitamento, poucos agricultores tinham uma máquina na sua propriedade, hoje com os projetos, como todo mundo tem uma pequenininha, mas tem pra fazer alguns trabalhos, não todos. Mas hoje a gente tem duas, posso dizer que tem duas pra fazer esse trabalho mais avançado que é o reaproveitamento da palha de feijão que muitos jogavam fora, muitos queimavam. Quem é o agricultor hoje aí que quer queimar mais uma palha de feijão? Que ele acabava de bater o feijão, o fósforo já tava perto, acabava de bater o milho, fazia o pinheirinho ali, fogo! Hoje ninguém faz isso, é, de trinta dias pra cá, já tem quase trinta ou quarenta agricultores que a gente vai trabalhando direto, reaproveitando toda a matéria orgânica. Então, esses aí eram os primeiros a riscar fósforos e queimar tudo. Hoje eles vão ter a consciência que o que eles queimavam serviam de alimentos para o ... então, se ele tá dando pro o, se ele tá aproveitando a matéria orgânica dele, tá dando para os animais ele não vai precisar comprar ração, o animal vai engordar, ele vai ter uma renda melhor e o lucro melhor, entendeu? E ainda preservando o meio ambiente”.

Trecho da fala de um participante na segunda roda de conversa ao refletir sobre as práticas dos agricultores familiares, 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

Referências nas práticas sociopolíticas

A organização entende que o processo educativo deve estar vinculado a todas as dimensões do movimento sindical. Ao estabelecer conexões com diversas redes organizativas e fomentar a articulação dos diferentes atores sociais, seminários temáticos, políticas públicas, entre outros aspectos, desenvolve estratégias que estimulam a organização social e a participação política dos jovens. No entanto, reconhecem a necessidade de iniciativas de formação sociopolítica continuada, reafirmando o compromisso com uma educação que visa à transformação social.

PASSO 4: A reflexão de fundo

“Entre práticas e observações, também tivemos algumas palestras, sendo uma delas da Secretaria de Jovens, participamos de uma palestra da Secretaria dos Jovens Rurais, foi importante, pois nos fez compreender a importância de um jovem no meio rural e também as possibilidades que ele tem de melhoramento e inovação do campo. O seminário juventude rural, esse seminário teve uma importância durante nosso estágio, pois nele foi esclarecido algumas possibilidades de incluir os jovens que vivem na zona rural, mas que não participam das atividades no campo, fornecer atividades para que desperte o interesse dos mesmos para se incluírem no meio rural”.

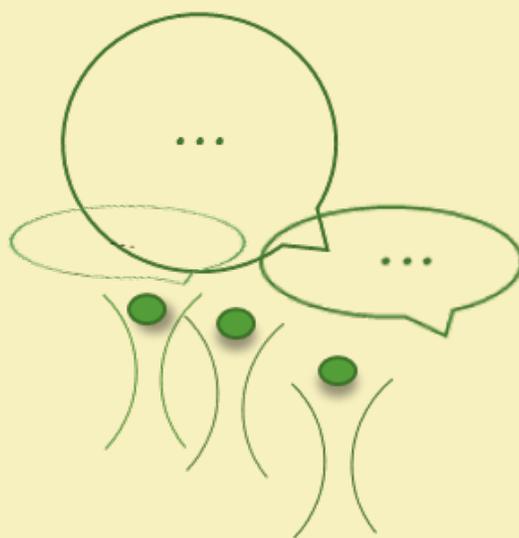
Trecho retirado do relatório de conclusão de estágio no SINTRAF de um estudante do curso de Agroecologia, 2018. Fonte: Arquivo do CETEP Sisal.

“Assim, um outro fator positivo que a gente pode notar é a conscientização da população rural, o pessoal do campo hoje tem uma visão mais ampla, tem a questão da cidadania, e é comum hoje a participação do público do campo na câmara dos vereadores, conhecendo melhor as leis, intervindo dentro das políticas públicas, sugerindo. Então, acho que essa interação entre o campo e a cidade melhorou bastante. Então, acho que essa Educação do Campo estava adormecida, mas de um certo tempo pra cá começou a se despertar, a partir dessa nova metodologia, é aplicada através do Conselho, dos departamentos que foi criado, não existia inclusive no Sindicato, não existia o Departamento de Educação do Campo [...]”.

Trecho da fala de um participante na primeira roda de conversa ao refletir sobre a educação do campo, 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

Em suma, por meio da problematização da experiência com estágio no âmbito da EPT, os representantes do SINTRAF Serrinha (re)afirmam o trabalho, a identidade cultural do povo do campo, os valores relacionados à vida na terra, as vivências e troca de saberes como bases do processo formativo do estágio na EPT do campo.

PRINCÍPIOS E DIRETRIZES DO ESTÁGIO NA ÁREA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS NO SINTRAF-SERRINHA



PASSO 5: Pontos de chegada

18 de maio de 2022

5 PRINCÍPIOS E DIRETRIZES DO ESTÁGIO NA ÁREA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS NO SINTRAF-SERRINHA

A educação é entendida no âmbito do SINTRAF-Serrinha, como uma dimensão da formação humana, implica numa prática educativa intrínseca à prática social. O projeto educativo defendido tem centralidade no trabalho do campo e em alternativas coletivas e auto-organizativas da produção e das relações de trabalho. Tem base em alternativas abrangentes de vida que rompe com a lógica de degradação da natureza e do homem imposta pela dinâmica da reprodução ampliada do capital.

O processo formativo de estágio supervisionado é parte deste projeto de educação pelo qual se luta. Integra ações formativas que contemplem as necessidades sociais, culturais e ambientais dos sujeitos que a constituem. Na organização, o estágio é uma prática educativa desenvolvida a partir da vivência concreta do trabalho no contexto da agricultura familiar, buscando articular realidade, saberes, conhecimento e (inter)subjetividades.

Pensar em processos de construção do conhecimento no contexto da agricultura familiar requer refletir acerca da diversidade de formas particulares que os agricultores familiares assumem a partir do espaço/tempo em que estão inseridos. É preciso compreender como se dá a relação histórica com a agricultura e com a terra, as relações de trabalho e os fatores ecológicos e socioeconômicos, uma vez que a agricultura familiar envolve uma complexidade de grupos sociais constituídos a partir da posse da terra, base familiar de produção e o pertencimento ao espaço rural.

Trata-se de um grupo social capaz de garantir a produção de alimentos, assegurando a soberania alimentar e nutricional; de constituir espaço de sociabilidade a partir de uma diversidade histórico-cultural; e de apresentar estratégias autônomas de produção a partir da construção de laços de reciprocidade, cooperação, novas relações com a natureza, sistemas ecológicos de manejo, entre outros elementos que integram a heterogeneidade dos agricultores familiares de cada território que compõe o país (WANDERLEY, 2009; PLOEG, 2008).

Contudo, é importante ressaltar que qualquer elaboração teórico-metodológica delineada tem como referências teórico-práticas a concepção de educação construída e defendida pelos movimentos sociais do campo. Ou seja, está ancorada na concepção da Educação do Campo; é produto do movimento composto por sujeitos coletivos do campo que luta pela integração dos pressupostos da educação ao trabalho e ao modo de vida camponês.

Ao longo da história, a educação destinada aos trabalhadores do campo tem sido negada pelo Estado e pela sociedade civil. Ademais, as políticas públicas de educação são marcadas

pela dicotomia entre o campo e a cidade, de modo a minimizar as possibilidades de vida no campo e as potencialidades dos sujeitos que integram esse espaço.

Nesse sentido, a educação é direcionada para a conformação do homem e da mulher do campo à realidade imposta pelo capitalismo (exploração do trabalho e dos recursos naturais, expropriação dos meios de trabalho, da cultura e dos valores camponeses), incluindo aos processos formativos as demandas do capital e a lógica da produtividade.

Entretanto, os movimentos sociais do campo se contrapõem à predominância dos interesses dos grupos hegemônicos expressos por meio das políticas educacionais e práticas pedagógicas excludentes, delineando uma nova concepção de educação. Os sujeitos coletivos do campo têm vivenciado, discutido e proposto políticas públicas que conectam e associam os processos de educação formal com a vida e as lutas do campo, que garantam a transformação das pessoas e desse espaço por meio de uma educação pública de qualidade.

A matriz formativa da Educação do Campo é a do desenvolvimento integral/omnilateral do ser humano, que inclui a dimensão produtiva, cognitiva, organizativa, política e cultural. O trabalho é o eixo central da organização curricular e deve estar associado ao mundo do trabalho e não ao mercado do trabalho, combinado com outras questões ou temas da atualidade, em especial as questões e temáticas do campo; contempla a construção de um conhecimento vivo, relacionando-o ao mundo da cultura, da tecnologia e das lutas sociais (INSTITUTO DE EDUCAÇÃO JOSUÉ DE CASTRO, 2010).

A dimensão da Educação Profissional do Campo também vem sendo formulada a partir dessa concepção. Por se tratar de uma formação profissional, é imprescindível estar vinculada a uma educação politécnica a partir de um processo de afirmação da agricultura camponesa sustentável em contraposição ao agronegócio e às suas formas hegemônicas de produção. O propósito da educação politécnica é “formar um trabalhador com apropriação dos fundamentos do seu trabalho e dos princípios gerais de toda a produção” (CALDART, 2017, p. 120). A defesa é de uma matriz científico-tecnológica para o trabalho no campo de base agroecológica e da construção de um projeto sociopolítico de inclusão e desenvolvimento territorial.

Diante de todas essas questões, os representantes do SINTRAF-Serrinha entendem que a valorização e sistematização de experiência concreta dos indivíduos, grupos coletivos ou organizações são pressupostos que orientam a organização dos espaços pedagógicos da Educação do Campo. Além disso, como dizia Freire (2001), para avançar, melhorando a qualidade dos processos educativos aos quais se inserem, é preciso estar em constante processo de formação e essa formação tem base na “prática de analisar a prática”.

Nesse sentido, foi desenvolvida a sistematização de experiência com oferta e desenvolvimento de estágio na organização. Esse processo de sistematização se apresenta como um instrumento de pesquisa e espaço/tempo de articulação e formação político-pedagógica que promove um processo de autorreflexão e aprendizagem dos sujeitos que integram a realidade camponesa e estão ligados à Educação Profissional Tecnológica no contexto do campo.

Por meio da sistematização, foi possível problematizar a experiência e refletir acerca da concepção de educação defendida, e assim, reforçar a coerência entre o discurso e a prática, fortalecendo a organicidade do movimento e a luta por uma educação transformadora. Também possibilitou refletir sobre o papel formativo e emancipatório da experiência, ampliar a visibilização da experiência e contribuir para o reconhecimento da agricultura familiar e das suas potencialidades educativas.

Sem a compreensão crítica da própria história é impossível repensar a prática educativa, pois isso implica um processo dialético, de escolhas, rupturas, contradições, descobertas e superações, que permite reconhecer a natureza sociopolítica desse processo educativo de modo a reconstruir coletivamente as referências que orientam o “quefazer” formativo.

Desse modo, esse texto é produto do processo de sistematização de oferta e desenvolvimento de estágio no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Serrinha (SINTRAF-Serrinha) e constitui-se no resultado das discussões e reflexões sobre a matriz formativa que orienta a atividade de estágio na organização.

A sistematização foi mediada pela mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) e teve como objetivo principal definir os princípios e as diretrizes para o estágio supervisionado na organização.

Foram realizados três encontros com os representantes do Sindicato para diálogo e reflexão crítica acerca da prática de estágio, nos quais, por meio da análise das discussões e da interpretação das intencionalidades explicitadas pelos participantes, a pesquisadora, responsável pela mediação do processo de sistematização, buscando garantir a coerência das reflexões, construiu a síntese dos princípios e das diretrizes que direcionam o processo de estágio na organização sindical.

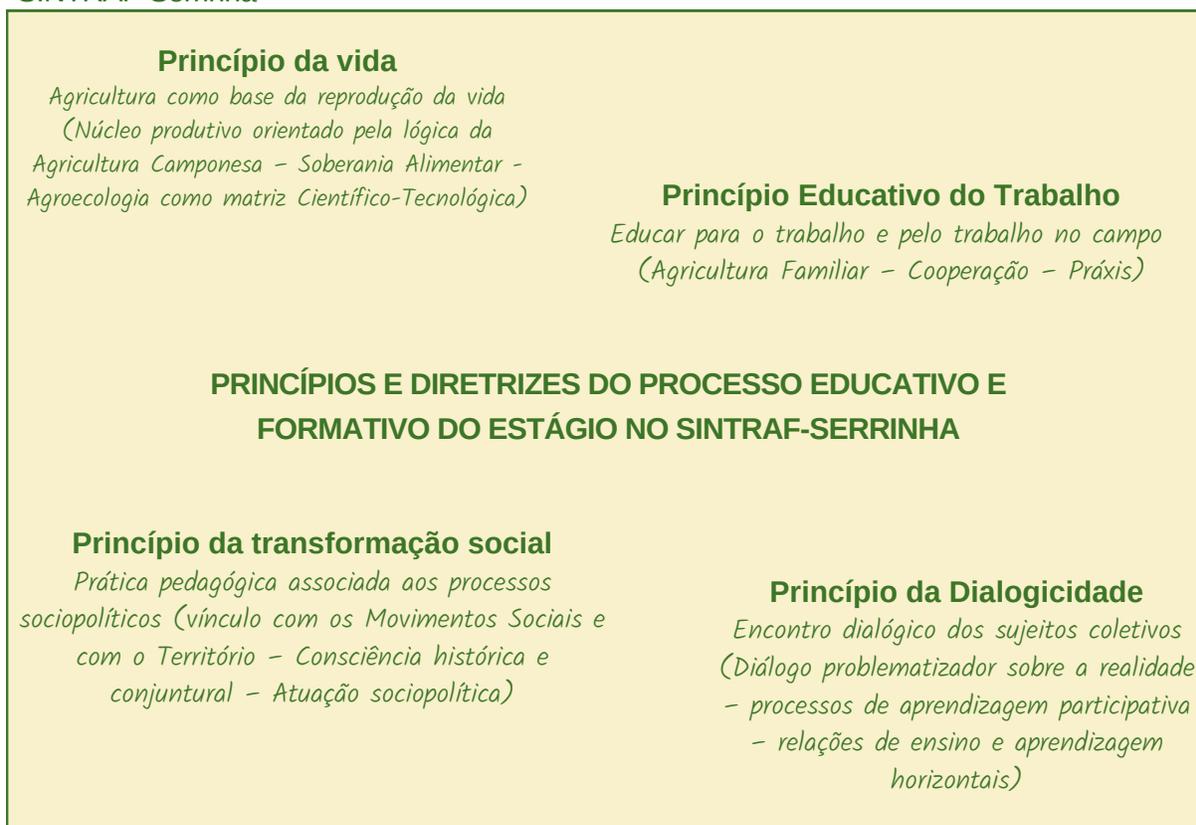
Princípios e diretrizes são referências que orientam o fazer, ou seja, o ponto de partida das ações (MST, 2005). O conjunto desses princípios e dessas diretrizes expressam o caráter dialético e a concepção de educação sustentada e defendida por um grupo. Portanto, sendo esses princípios e essas diretrizes produto da sistematização da prática educativa e formativa

do estágio no SINTRAF-Serrinha – produto das lições aprendidas no decorrer da caminhada - o conjunto desses princípios e dessas diretrizes exprime o ideário de educação e a práxis formativa da organização.

Além disso, a formulação desses princípios e dessas diretrizes reafirma o compromisso da organização com o desenvolvimento da Educação Profissional Tecnológica (EPT) no Município e no Território. Por ser um instrumento que busca (re)significar o processo formativo de estágio na área de Ciências Agrárias, se configura como uma ação importante para a construção de um projeto formativo do trabalhador e da trabalhadora do campo.

Definidos a partir dessa compreensão e da ação e reflexão dos “sujeitos coletivos do campo”, a figura a seguir apresenta a síntese desses princípios e dessas diretrizes.

Figura - Síntese dos princípios e das diretrizes educativos e formativos do estágio no SINTRAF-Serrinha



Fonte: elaborado pela autora.

O propósito é apresentar um conjunto de ideias, valores e estratégias que possam orientar a caminhada na busca por uma formação que visa à emancipação social do sujeito do campo. Assim, para cada princípio, apresentam-se a concepção, os valores, os saberes e algumas ações que já são desenvolvidas ou que poderão ser inseridas ao processo formativo e que asseguram as potencialidades requeridas pelo princípio.

PRINCÍPIO DA VIDA

O princípio da vida está relacionado com a natureza e todas as suas formas de vida, isto é, seu enfoque está no cuidado e no respeito pleno pela vida, de modo a buscar compreender, respeitar e valorizar a relação entre o conjunto dos seres vivos, seus processos vitais e evolutivos e a relação homem-natureza a partir do seu vínculo orgânico com as formas de produção e reprodução da vida (AGUIAR *et al.*, 2016).

Sendo assim, os processos educativos e formativos desenvolvidos com os agricultores familiares do SINTRAF-Serrinha, precisam ter base no(a):

- Respeito à vida;
- Valorização da diversidade, proteção e conservação da biodiversidade;
- Manejo ecológico dos agroecossistemas e tecnologias adequadas às necessidades e condições locais;
- Soberania alimentar, segurança alimentar, autonomia e sustentabilidade (ética, social, cultural, política, ideológica, econômica, ecológica e ambiental);
- Práxis endógena;
- Agricultura como elemento central da formação para o trabalho, orientada pelos princípios da agricultura camponesa;
- Referência produtiva orientada pelos saberes e conhecimento tradicionais, cultura popular e nas experiências vivenciadas pelas famílias;
- Processos formativos pautados, principalmente, na realidade local e territorial da produção e reprodução da vida;
- Formação técnica, organizativa e política baseada na agroecologia;
- Articulação entre natureza, trabalho e cultura com vista à formação humana;
- Promoção do fortalecimento da identidade camponesa.

Com base nessa compreensão, considerando o contexto sociopolítico do SINTRAF e também as contribuições teóricas de Ribeiro *et al.* (2017) e Caldart (2017), os saberes aprendidos e compartilhados no espaço formativo da agricultura familiar devem envolver:

- Conhecimento do marco histórico da agricultura, contextualizada a partir do território de identidade;
- Conhecimento da biodiversidade natural e cultural, das formas de manejo dos agroecossistemas e dos sistemas de produção de alimentos, principalmente no contexto da convivência com o semiárido;
- Reconhecimento dos sistemas alimentares que compõem o território e a compreensão do conceito de segurança alimentar e soberania alimentar;

- Reconhecimento das formas de cooperação existentes no território como pressuposto organizativo do trabalho e da produção e da agroecologia como matriz científico-tecnológica de produção;
- Reconhecimento das tecnologias sociais capazes de minimizar riscos e possibilitar a otimização dos recursos naturais e sociais, especialmente as tecnologias sociais de convivência com o semiárido;
- Compreensão dos problemas socioambientais e econômicos;
- Compreensão do manejo da diversidade enquanto manejo de vida ao entender e relacionar as dimensões ecológicas, socioculturais e econômicas;
- Compreensão das relações ecológicas, históricas e culturais entre sociedade e natureza, principalmente no contexto do território.

Para consolidar os valores requeridos e garantir tais saberes, no percurso formativo dos estagiários, é necessário desenvolver ações, como:

- Tomar as unidades de produção agrícola familiar como referência para estudo dos agroecossistemas;
- Realizar diagnóstico dos agroecossistemas e dos sistemas agroalimentares das unidades de produção das famílias (estabelecer comparativo com os ecossistemas naturais, com os sistemas alimentares do território e com os “impérios alimentares”; fazer o mapeamento das tecnologias ou técnicas que são/poderiam ser utilizadas);
- Promover a guarda, a reprodução e as trocas (pode ser realizado por meio de feiras) de sementes crioulas e nativas;
- Construir hortas comunitárias medicinais, promovendo e incentivando o cultivo e a troca de plantas fitoterápicas, bem como o diálogo de saberes em torno da medicina popular;
- Avaliar e sistematizar as informações, as práticas e as experiências desenvolvidas.

PRINCÍPIO EDUCATIVO DO TRABALHO

O princípio educativo do trabalho incide no caráter educativo do próprio trabalho. Está relacionado com a auto-organização e autoeducação dos trabalhadores em meio aos processos produtivos e refere-se à aprendizagem vivenciada no trabalho social em que assume um determinado modo de produção da vida, promovendo a construção e a apropriação do conhecimento inerente à práxis produtiva (TITTON, 2017).

Para tanto, o trabalho é compreendido em seu sentido ontológico; é a forma pela qual o ser humano constrói a sua existência. É uma ação intencional e com certo grau de racionalidade que se configura, conforme apresenta Antunes (2009), na base ontológica da práxis social. Por meio do trabalho, o homem se constitui e se relaciona com o outro, produzindo as condições materiais e imateriais da vida.

Tendo em vista que o trabalho ao mesmo tempo em que é práxis humana é o próprio objeto de estudo da proposta educativa do SINTRAF-Serrinha, inerente às questões do campo, os processos educativos e formativos desenvolvidos em meio ao trabalho na agricultura familiar no contexto sociopolítico do SINTRAF precisam ter base no(a):

- Valorização do vínculo com a terra e das experiências concretas da agricultura familiar;
- Trabalho como forma de produção material (alimento/recursos naturais e tecnológicos) e imaterial da vida (educação/conhecimento/identidade cultural/resistência);
- Trabalho desenvolvido para a família e pela família e/ou coletivo social com base no respeito, na autonomia, na solidariedade, na cooperação, na reciprocidade, na coprodução e na auto-organização;
- Respeito à natureza e ao ciclo natural de produção;
- Promoção e socialização dos diferentes tipos de saberes e experiências;
- Envolvimento em todas as etapas do processo de trabalho, promovendo a superação da dicotomia entre trabalho manual e intelectual, a articulação entre teoria e prática e a construção do conhecimento a partir da realidade local e territorial;
- Articulação dos diferentes tipos de conhecimento (tradicional, popular, científico e tecnológico);
- Perspectiva formativa politécnica.

Com base nessa compreensão, considerando o contexto sociopolítico do SINTRAF e também as contribuições teóricas de Ribeiro *et al.* (2017) e MST (2005), os saberes aprendidos e compartilhados no espaço formativo da agricultura familiar devem envolver:

- Reconhecimento da riqueza social e da diversidade dos sujeitos e formas de atividades que garantem a satisfação das necessidades humanas: reconhecimento da complexidade dos diferentes grupos sociais; compreensão do valor do trabalho enquanto práxis humana e gerador de riquezas;
- Diferenciação das relações sociais de exploração das relações igualitárias constituídas através dos processos de trabalho: compreender as contradições sociais, entendendo como se produz e se transforma os fenômenos naturais, a relação homem-natureza e a relação do homem com o próprio homem; diferenciar as formas de produzir da agricultura familiar das formas de produção do agronegócio;
- Conhecimento dos sistemas agrários, principalmente as especificidades dos sistemas regionais e territoriais: conhecer as formas de organização e funcionamento dos ecossistemas cultivados e da composição e organização do sistema social produtivo; domínio teórico e prático da organização do trabalho e da produção; conhecimento sobre cooperação, gestão/autogestão e comercialização;
- Conhecimento de todo o processo de trabalho e dos elementos que serão utilizados, ou seja, da atividade da agricultura familiar em sua totalidade: conhecer o ciclo produtivo des-

de o planejamento prévio até a materialização; reconhecer o tempo de descanso do solo objetivando deixá-lo fértil para garantir o bom desenvolvimento das culturas cultivadas, bem como o tempo de cultivo e o período predominante de cada atividade de acordo com as especificidades de cada região; conhecer as formas de produção e comercialização, seja por meio de organização coletiva/familiar seja por meio individual; construção e manuseio dos instrumentos de trabalho; conhecer os produtos a serem cultivados, reaproveitados e adquiridos, dentre outros saberes que possibilitam conhecer o ciclo total de produção;

- Conhecimento dos mercados locais e territoriais.

Para consolidar os valores requeridos e garantir tais saberes, no percurso formativo dos estagiários, é necessário desenvolver ações, como:

- Promover momento de vivência nas unidades agrícolas familiares e/ou envolvimento dos estudantes na atividade de assistência técnica continuada aos agricultores;
- Fazer inventário da realidade concreta ou diagnóstico local com base nos saberes e conhecimentos da comunidade;
- Visitar as unidades agrícolas entre outros espaços coletivos, como, por exemplo, cooperativas de produção e comercialização, escolas e associações comunitárias;
- Desenvolver práticas de produção de base agroecológica, como, por exemplo, constituir bancos de sementes; aproveitamento de resíduos/materiais orgânicos; construção de hortas e viveiros de mudas; irrigação (priorizando o reaproveitamento da água), entre outras práticas;
- Articular espaços coletivos de trocas/comercialização do excedente da produção agrícola familiar;
- Promover intercâmbios de experiências da agricultura familiar e de discussões e fomento de políticas públicas direcionadas para o desenvolvimento de tecnologia social apropriadas para o território, impulsionando a interação entre associados, comunidades rurais e organizações parceiras.

PRINCÍPIO DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Freire (2021) concebe a educação como um ato político e transformador, fundamentada no diálogo e no respeito. Nesse sentido, compreende-se que todo processo educativo orientado pelo princípio da transformação social se constitui em uma “ferramenta de conscientização e libertação das estruturas ideológicas de dominação que sustentam a sociedade hegemônica, para formar profissionais críticos/as e criativos/as, com capacidade para compreender e atuar com autonomia [...]” (AGUIAR *et al.*; 2016, p.12).

Assim, o ponto de partida e de chegada é a auto-organização produtiva e sociopolítica dos trabalhadores. Seguindo nessa direção, os processos educativos e formativos desenvolvidos

no contexto sociopolítico do SINTRAF-Serrinha precisam ter base no(a):

- Formação vinculada às práticas sociais e políticas, ou seja, referenciada nos processos organizativos do sindicato;
- Processos de aprendizagem participativos que contribuam para a compreensão histórica e conjuntural das relações políticas, sociais e de trabalho do território;
- Práticas educativas que promovam a autonomia, o empoderamento e o protagonismo dos sujeitos do campo;
- Práticas educativas que contribuam para a afirmação da sua capacidade organizativa e para a reafirmação dos princípios da autogestão, gestão cooperativa e democrática.
- Assessoramento técnico continuado com base na comunicação, isto é, planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades da ATER realizadas de forma dialógica e participativa.

Com base nessa compreensão, considerando o contexto sociopolítico do SINTRAF e também as contribuições teóricas de Caporal (2003), os saberes aprendidos e compartilhados no espaço formativo da organização devem envolver:

- Apropriação das questões e demandas do campo, principalmente no contexto do território;
- Conhecimento dos fundamentos e das estratégias da economia solidária, cooperativismo e da gestão cooperativa e democrática;
- Conhecimentos dos direitos políticos e sociais dos agricultores familiares;
- Conhecimento das políticas públicas direcionadas para o campo e para o jovem do campo e seus mecanismos de acesso;
- Conhecimento dos mercados institucionais e suas diversas modalidades;
- Reconhecimento do jovem como sujeito político;
- Reconhecimento do papel social da ATER;
- Reconhecimento das tecnologias da produção compatíveis com as necessidades dos agricultores e com as condições ambientais, econômicas e sociais;
- Reconhecimento da agricultura familiar enquanto categoria política e social;
- Conhecimento do marco histórico do sindicalismo, reconhecendo o papel social do SINTRAF no território.

Para consolidar os valores requeridos e garantir tais saberes, no percurso formativo dos estagiários, é necessário desenvolver ações, como:

- Realizar análise política conjuntural do território;
- Planejar e desenvolver tecnologias sociais compatíveis com as condições ambientais, local e territorial;

- Promover a participação articulada dos estagiários nas assembleias, reuniões, mobilizações, fóruns de debates, comissões e conselhos relacionados à agricultura familiar, à implementação de políticas públicas ou ao desenvolvimento de tecnologias sociais, entre outras temáticas e ações de incidência política;
- Promover espaços de diálogos com as redes colaborativas para fortalecer e ampliar a compreensão das lutas e dos processos locais e territoriais convergentes;
- Criar espaço de formação em gestão e planejamento de tecnologias sociais, autogestão, economia solidária e cooperativismo;
- Promover ou fortalecer o coletivo de jovens do sindicato;
- Promover formação sindical continuada, possibilitando uma participação ativa e direta nas lutas do próprio movimento;
- Sistematizar experiência.

PRINCÍPIO DA DIALOGICIDADE

O diálogo é a base da proposta educativa de Paulo Freire, o elemento central dos processos de formação humana. Nas palavras do autor, “a educação é comunicação, é diálogo, [...] um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 27).

Nessa perspectiva, a premissa dialógica de Freire conduz à problematização da realidade social, em que os sujeitos, na interação com o outro, vão fazendo uma leitura e releitura do mundo e nesse movimento vão tomando consciência dos processos de dominação e exploração nos quais estão imersos, de modo a intervir e garantir a transformação.

Para garantir a efetivação desse princípio, os processos educativos e formativos desenvolvidos no contexto sociopolítico do SINTRAF precisam ter base no(a):

- Princípios e fundamentos da Educação Popular;
- Estratégias metodológicas participativas como referências para a construção do conhecimento;
- Diálogo de saberes, garantindo o reconhecimento e a validação dos saberes e da cultura dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo a partir das vivências, da unidade teoria e prática, socialização do conhecimento e troca de experiências;
- Formação contextualizada no tempo/espaço, de modo a integrar a complexidade do espaço de vida;
- Diálogo problematizador da realidade a partir de uma leitura crítica e de uma abordagem interdisciplinar, sistêmica e holística.
- Diálogo com os diversos espaços organizativos do campo e da cidade;

- Formação de redes de aprendizagem orientada pela escuta sensível, autonomia e horizontalidade;
- Práticas educativas que promovam o fortalecimento dos processos de auto-organização e gestão coletiva dos trabalhadores, principalmente dos agricultores familiares.

Com base nessa compreensão, considerando o contexto sociopolítico do SINTRAF e também as contribuições teóricas de Santos, Mutim e Souza (2021), os saberes aprendidos e compartilhados no espaço formativo da agricultura familiar devem envolver:

- Conhecimento do território de vida dos agricultores familiares, diferenciando os territórios de resistências dos territórios de dominação;
- Conhecimento do modo de desenvolver a agricultura familiar, reconhecendo as suas especificidades (tradições culturais, as formas de se relacionar das famílias e da comunidade, conhecimentos intrínsecos, místicas, etc.);
- Apreensão da realidade concreta (vivido, percebido) de modo a descrever, explicar e sistematizar os saberes/conhecimento a partir do encontro entre ação, reflexão e transformação;
- Compreensão crítica dos processos de produção em que estão inseridos, possibilitando apropriação da produção material e simbólica da vida;
- Reconhecimento dos desafios e potencialidades da ação coletiva, compreendendo o potencial transformador dos processos e das práticas colaborativas e comunicativas.

Para consolidar os valores requeridos e garantir tais saberes, no percurso formativo dos estagiários, é necessário desenvolver ações, como:

- Realizar diagnóstico rural participativo, possibilitando uma análise conjuntural dialógica, bem como o planejamento coletivo de ações ou a elaboração de projetos de intervenção;
- Promover rodas de conversas, possibilitando integração e articulação dos estagiários com os agricultores, comunidade e instituições locais e territoriais;
- Realizar Feira Solidária/da Agricultura Familiar e oficinas temáticas;
- Organizar Caravanas Agroecológicas;
- Socializar as experiências através de encontros, seminários e/ou mídias sociais, entre outros espaços – essas ações envolvem elaboração e produção de panfletos, cards, painéis/facilitação gráfica, cartilhas, maquetes, vídeos, documentários, relatórios/relatos de experiência, etc.;
- Construir mística por meio de símbolos que possam fortalecer os sentidos e os significados das experiências vivenciadas e a identidade do movimento;
- Propor a escrita de cartas pedagógicas como instrumento de avaliação do percurso formativo e/ou registro das experiências vivenciadas;

- Promover encontros com os estagiários egressos para dialogar e refletir acerca das relações sociais que se estabelecem no mundo do trabalho e também como mecanismo de aproximação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. V. A. *et al.* Princípios e diretrizes da educação em agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, [s. l.], v. 11, n. 1, jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/20800>. Acesso em: 28 out. 2021.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- CALDART, R. S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. *In*: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (org.). **Por uma Educação do Campo**. 5. ed. Brasília: Articulação Nacional “Por uma educação do Campo”, 2011. p. 147-158.
- CALDART, R. S. Educação Profissional na perspectiva da educação profissional do campo. *In*: CALDART, R. S. (org.). **Caminhos para transformação da escola 1**: reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 229-241.
- CALDART, R. S. Trabalho, agroecologia e educação politécnica nas escolas do campo. *In*: CALDART, R. S. (org.) **Caminhos para transformação da escola 4**: trabalho, agroecologia e estudo nas escolas do campo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017. p. 115-160.
- CAPORAL, F. R. Bases para uma nova ATER pública, **Extensão rural**, [s. l.], n. 10, p. 1-20, jan. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensãorural/article/view/5546>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Política e Educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- INSTITUTO DE EDUCAÇÃO JOSUÉ DE CASTRO. I Seminário com as Escolas de Inserção dos Estudantes. *In*: CALDART, R. S. (org.) **Caminhos para transformação da escola 1**: reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 229-241.
- JARA-HOLLIDAY O. **Para sistematizar experiência**. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**, 2. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA. Princípios da educação no MST. Dossiê MST Escola - Documentos e estudos 1990 – 2001. *In*: **Cadernos de Educação n. 13**. Veranópolis: ITERRA, ago. 2005. p. 159-179.
- PLOEG, D. V. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- RIBEIRO, D. S. *et al.* (org.). **Agroecologia na educação básica**: questões propositivas de conteúdo e metodologia. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- SANTOS, A. O. C.; MUTIM, A. L. B.; SOUZA, H. F. Do ensino agrícola à Educação Profissional do Campo? Notas de caminhos percorridos e territorialidades de resistências. *In*: SOUZA, H. F.; MUTIM, A. L. B.; SANTOS, A. O. C. (org.). **Educação profissional, territórios e resistências**: diálogos com Paulo Freire. 1. ed. Recife: Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2021. p. 110-140.

TIRIBA, L. FISCHER, M C. B. Aprender a ensinar a autogestão: espaços/tempos do trabalho de produzir a vida associativamente. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 31, n. 2, p. 527-551, nov./ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2013v31n2p527>. Acesso em: 15 jan. 2021.

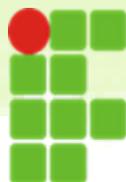
TIRIBA, L. Reprodução Ampliada da vida: o que ela não é, parece ser e pode vir a ser. *Revista Otra Economía*, [s. l.], v. 11, n. 20, p. 74-87, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistaotraeconomia.org/index.php/otraeconomia/article/view/14757>. Acesso em: 8 jan. 2020.

TITTON, M. O princípio educativo do trabalho e o trabalho enquanto princípio educativo: ampliando o debate com os movimentos de luta social. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 31., 2017, Caxambu. **Anais eletrônicos** [...]. Caxambu: ANPED, 2017. p. 1-13. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/o-principio-educativo-do-trabalho-e-o-trabalho-enquanto-principio-educativo>. Acesso em: 06 mar. 2022.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. *In: WANDERLEY, M. N. B. O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 155-183.

“Não há o que considerar perdido o tempo do diálogo que, problematizando, crítica e, criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito da transformação”.

(Paulo Freire)



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
BAHIA



PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA